

ESCRAVATURA,

BENEFICIOS QUE PODEM PROVIR ÀS NOSSAS POS-
SESSÕES D'AFRICA DA PROHIÇÃO DAQUELLE
TRAFICO:

PROJECTO DE HUMA COMPANHIA COMMERCIAL QUE
PROMOVA E FOMENTE A CULTURA E CIVI-
LISAÇÃO DAQUELLES DOMINIOS:

OBRA PÓSTHUMA

DE

Sebastião Xavier Botelho

OFFERECIDA AO

Corpo do Commercio Portuguez.

Silva Tullin



LISBOA: NA TYPOGRAPHIA DE JOSÉ B. MORANDO.

Rua do Moinho de Vento n.º 59.

1840.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

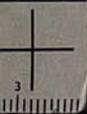
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1892



AVIZO DO EDICTOR,

*E*ra tenção do Autor rever ainda o presente Opusculo antes de o publicar, e offerece-lo ao Corpo do Commercio Portuguez; assim no-lo havia communicado.

Coube-nos a sorte de cumprir aquella vontade e levar a effeito aquelle desejo: e o publicamos apesax de não levar a ultima demão do Autor e haver partes que não estão ordenadas e classificadas.

No Prologo achámos a Dedicatoria que vai transcrita.

ANEXO DO EDITOR

Este trabalho de fazer, com toda a brevidade, o presente O trabalho
dele de e publicar, e offereço ao Corpo do Commercio
Portuguez, e assim ao de haer commendação.
Conde-se a parte de comprar aquella contida e leu-
a offereço aquella de mais: e o publicamos apor de não se-
que a ultima linha do texto e haer que se não esta-
na phrasa e clausula.
No Prólogo de mais a Liberdade que se haer.

Dedicatória.

.....ao Respeitavel Corpo do Commercio
Portuguez, que á custa da sua fazenda está sempre
prestes a acudir á Nação em seus apertados
conflictos como comprovão a historia, a tradic-
ção, e todos os dias o observamos.

D.

O Author

(no Prologo do presente Opusculo.)

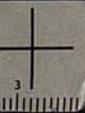
Dedicatória

... ao Respeitável Senhor do Comarca
Portugal, que a cada dia sua forçada vida com
que pratica a ordem e justiça em seus negócios
conflicta como sempre a história, a verdade
e a justiça se não é observada.

D.

O Autor

(no Prêgo do presente Opusculo)



Prologo.

Não foi necessario furtar muito tempo ao descanso, para compor este pequeno opusculo, em que não ha nosso senão linguagem, methodo, e estilo, sem os ornatos da elloquencia, como obra de quem he nas letras pouco cultivado. Nem a doutrina podia ser nova; pois muito ha que os direitos da natureza e da humanidade são conhecidos, e que os Negros tem protectores.

Já, em tempos remotos, se deleitou o animo de Las Casas Bispo de Chiapa em advogar a causa dos Indios no tribunal de Carlos 5.º Em nossos dias a filosofia allumiou o entendimento de muitos varões doutos, a quem a penna corria de vontade estendidamente, em desagravo da natureza e da humanidade ultrajadas pela existencia da escravidão dos negros, pelo commercio d'estes desgraçados.

Em Inglaterra, escrevêrão sobre este assumpto, com ma's particularidade Antonio Berneset, João Woolman, Ramsay, Charkson e mais alguns e em Franca Montequieu, Reinal, Condorcet, De Pradt e outros assentárão verdadeira doutrina, esgotando a materia sem lhes ficar argumento por fazer nem razão por allegar, não lhes empecendo os juizos torcidos e muitas vezes errados de quem os lê.

Fomos colhendo do que alguns d'elles escrevêrão o que achamos de mais arrazoado, não nos enredando no laberintho de falsos conhecimentos, semeando flores que cubrão cardos e abrolhos. Quizemos que fosse tudo ou-ro fino, e fizemos como hum roteiro de negociantes para se enriquecerem e com elles o Estado.

Ao que lêmos de alguns destes escriptores, acrescentamos de nossa caza o que nos deo a experiencia, como de pessoa que vivera alguns annos no centro de esera-

vos, e os estudara de perto. Estavamos vistos no que sofrião; mas confessamos que nunca alcançamos tanto, nem ficamos tão rezolutos, como á vista do que ouvimos e prezenciamos.

Houvemos que nos era mais decoroso trajar roupas alheias sem as desfigurar, que remenda-las com advertencias e commentarios. Rezumimos em palavras taxadas e avaras o que difaza e magistralmente trataram os que em tal materia são eminentes.

Bem pode ser que este trabalho assim concebido não seja estimado nem bem visto, por não dizermos cousas que não sejam sabidas e tratadas. Mas os estudiosos não ficão por isto desfraudados e os ignorantes, ou nhenhuma cousa os contenta, ou com todas se satisfazem. D'aquelles, contamos com a indulgencia companheira da sabedoria, e estes lá os deixamos dentro de sua esfera, sem nos darmos por achados do que disserem: porque a ignorancia não tem jus a contemplações.

Sem nenhuma vaidade nos aventurámos a dar ao prelo a Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental; mas alguma tivemos quando, vazando-se em palavras soltas e descompostas, se arremegou a nós a Revista de Edimburgo, e a dezarmamos, vestindo as armas com que Lord Biron a desbaratara. Os homens letrados havião authenticado o merecimento da obra com bastantes louvores, e quando, á conta d'elles, nos achamos mais crescidos nos brios, veio mão oculta e aleivosa desfeitear a obra na pessoa do Author. Agora tambem não foi por vangloria que publicámos este opusculo; mas certo a havemos ter em sustentar nossa opinião, pleiteando a cortezia se formos com ella guerreados: muito mais se meus concidadãos a acolherem favoravelmente.

Com toda a attenção nos esquivámos a conciderar juizos e actõs politicos, além dos que vinhão de molde a nosso propozito, abrindo mão de tudo que havia cheiro de parcialidade, como não tocasse na gentileza e honra nacional.

Não foi por ostentar de erudito, que buscamos principios afastados; mas por não truncar a historia da es-

cravidão, cuja origem e progresso cumpria enfiar, tocando os pontos de corrida, sem alardiarmos de filozofio nem de historiador. Devendo proceder com ordem, e concertado, forga era apontar as duvidas, e responder aos argumentos em contrario, para tirar concluzões acertadas e compendiosas, o que nos era difficil conseguir não levando este methodo.

Com os sentidos promptos no que se tem praticado e ainda pratica em nossos dominios de alem mar, depois de havermos escripto de outras cousas pertencentes aos do Oriente, competia-nos agora, que estamos fóra de tudo que he ministerio publico, dar a hum objecto de tamanha importancia e com ellas tão ligado algumas das muitas horas, que nos perdôa a vida retirada que vivemos.

Em quanto outros acodem com suas razões e me-neios ao estado actual do reino e seus dominios, alçando e derrubando como entendem, e as vezes como lhes convem: fazendo alguns de pessoa, quando pouco ha ninguem os enchergava, vamos-nos no silencio das paixões e no retiro domestico, dando á patria, o pouco que lhe podemos dar em nossos mal limados e pouco vigorosos escriptos.

Houvemos tentação de nos alargar entrando por algumas reflexões politicas de maior monta; mas receámos atear o fogo dos partidos; que he mofina do tempo, vi-rem os da politica enleados com os da conveniencia, e em nenhuns vemos maiores contendas nem menos conformidade. Se n'esta curtissima obra inclinássemos mais a hum que a outro, sobrava este desvio para havermos sentença contra no tribunal de nossos adversarios. É muito mais no tempo d'agora, que vemos travessuras e torpezas não só desenfreadas, mas authorizadas por alguns que tem o entendimento tão captivo e tão feito a viver entre ellas sem pejo nem decoro, que são os primeiros, que arrazando tudo, murmurão das reformas acertadas, e em todas as cazas, em todas as praças onde se juntão a governar o mundo o desgoverno por todos os modos.

Os que vivião do commercio da escravatura, e talvez bizarreavão de patriotas consumados, serão outros tan-

tos calumniadores, que nos taxem de presumptuoso, altivo e atrevido, por querermos dezatreigar vícios, que sempre houvera no mundo, já tão envelhecidos e com raízes tão profundas. Desta maneira dissimulando a magoa de verem cortados seus interesses intimamente unidos á existencia d'este commercio, cahirão sobre nós como arpiás, sem nos deixarem osso, que não seja roído.

Espendemos o que nos pareceo, que deve ser adoptado para terem remedio os males de nossas Provincias Africanas, sem fazermos caso da soberba luciferina de huns, nem da desmezurada ambição dos outros. Ha quem assevere, (e de boa fé), que á estes males se não pode achar remedio por inveterados; mas como até agora se não applicasse o que receitamos, he temeridade affirmar que a doença he incuravel. Se como esperamos aproveitar o remedio, sahirão corridos os que porfião n'esta affirmativa.

Izentos pois de toda a parcialidade, e não nos molestando as sem razões com que nos queirão vituperar, ficaremos bem pagos, se as contas que deitamos nos sahirem certas pelas razões em que se fundão, e se nosso mingoado trabalho trazer ao Estado e ao commercio a prosperidade e boa sorte, que lhe desejamos; e ao mesmo tempo aviventar nossas Provincias Africanas apreciaveis pela riqueza de suas producções, illustres pela fama de nossas victorias, lastimosas pelo estado actual de sua ruina.

Para realçar o pouco valor da obra, dedicamo-la ao *Respeitavel Corpo do Commercio Portuguez*, que á custa de sua fazenda está sempre prestes a acudir á Nação em seus apertados conflitos, como comprovão a historia, a tradição, e todos os dias o observamos. He elle que conhece os interesses da navegação, e mercancia, correndo com seus navios a todas as Ilhas e conquistas de Portugal, e he só quem pode trazer-lhe a grossura de riquezas que ellas encerrão, á conta das mercadorias, que lhes de cá levarem. As que de lá vierem, serão em tanta copia, que não haverá esgota-las, a todos se estenderão os proveitos, e os do thesouro publico serão incalculaveis.

As theorias abstractas do gabinete não passam de

agradavel recreio de estudiosos, se a pratica não responde ao justo com seus effeitos; mas como assentem as mesmas theorias em principios solidos e bem averiguados, auxiliando os exercicios praticos, não haja medo, que possam falhar as especulações que se tentarem. Mil parabens daremos á nossa patria, se o Governo ajudar a nossa doutrina: mil parabens daremos a nós mesmo se ella for bem aceita de nossos concidadãos, e do respeitavel Corpo do Commercio Portuguez a quem a consagramos.



He tão demasiada a cubiça e a ambição dos homens que até pozerão em praça os homens como elles. As leis e as doutrinas que authorisavão este horror da natureza são prova da barbaridade dos primeiros seculos.

Passado he o tempo de despendere argumentos contra as disparatadas doutrinas que favorecem a escravidão. A Religião, a Filosofia, e as Leis dão-se as mãos a este respeito. He já assumpto velho e tirado a limpo que o vencedor, quando houvesse direito de vida e morte sobre o vencido, o exercicio d'este direito se restringe ao aggressor e não abrange seus filhos, nos quaes o vencedor nenhum poder tem. He doutrina corrente que liberdade he hum dos direittos da natureza, e que o direito positivo e escripto he accidental e dirivado de convenções tacitas ou expressas para felicidade de todos. He ponto demonstrado que os homens a ninguem pertencem de propriedade, e que posto se sujeitsem á superioridade do valor, ou da sabedoria d'outros homens, esta voluntaria obediencia não trouxe comsigo o absoluto sacrificio de sua inteira liberdade.

Foi a força, e só a força, quem extremou senhores e escravos; que a natureza não differençou huns dos outros. Isto supposto, he claro que a liberdade não pode ser materia de commercio; e huma vez que os homens se-jão mercadoria, cumpre concidera-los e trata-los como as outras especies d'animaes. Com que horror portanto deve ser olhada a doutrina que protege negociar com a liberdade natural!

Não admira que o commercio da escravatura ainda hoje tenha apologistas, porque a avareza he a ultima paixão que morre no coração do homem; mas admira os argumentos de que se valem para sustentar sua opinião, confundindo o commercio dos negros com o acabamento total e repentino da escravidão: cousas entre si mui distinctas e separadas, se bem que pareção estreitamente unidas pelo muito que se tem lidado em as baralhar.

Como se abonem as razões argumentando com as leis da natureza, se o ponto he pôr termo ao trafico da escravatura, allegão a necessidade de braços robustos e proprios para romper e cultivar terras virgens e intractaveis, que demandão aturadas fadigas a que os europeos não podem resistir; se o ponto he modificar a escravidão, so-nhão conjurações, incendios, revoltas, e quanto ha funesto e desastroso.

Ha quem affirme que a primitiva população europea acabará nas colonias á força de trabalhos com que não podia, e que por isso he indispensavel empregar alli os braços dos negros, e que de duas huma, ou largar mão d'ellas, ou manter o trafico da escravatura.

Por acaso abrir alicerces, e alçar fortalezas requer menos valentia de braços que arrotear e lavar baldios? Quem lançou os fundamentos e alevantou as muralhas das fortalezas que temos na Africa, e na Asia, que não as ha mais fortes e bem construidas? Forão os Portuguezes quando se apoderarão de parte d'aquellas regiões; forão os Portuguezes, capitaneados por Affonso d'Albuquerque e os que acompanhárão D. João de Castro e outros de nossos antigos heroes; foi a soldadesca, a marinhagem e a nobreza que á profia se esmerárão na perfeição d'estas obras, que completárão com estranha brevidade e que ainda hoje existem, robustas e valentes como na hora em que as derão por concluidas. E d'estes Portuguezes que por lá se finárão não forão á sepultura rendidos por aquellas fadigas, senão cobertos de honrosas feridas e coroados com o louro da victoria.

Não foi a necessidade de cultivar as terras, são isto as apparencias de fora; foi a ambição e a cubiça dos homens que derão principio ao commercio dos negros; e he n'estes dois vicios que escorão todos os argumentos de nossos adversarios. Recalcitrão elles, temendo conspirações tramadas pelos negros, e accusão seus defensores como inimigos da prosperidade colonial. Em quanto á primeira parte dão armas contra si, porque o trafico dos negros he que pode causar essas conspirações. A riqueza dobra com o trabalho, e releva augmentar o numero dos escravos; quanto maior he a cultura maior he a ne-

cessidade de acrescentar aquelles escravos, e dentro em pouco já não he dado conte-los na obediencia, e as colônias hão curvar-se ao jugo dos negros.

Escravos apinhados em logares remotos e mui distantes uns dos outros, sem haver modo de os vigiar e reprimir, hão de revoltar-se como tenham vez. São infelizes com o coração atravessado de saudades da patria, dos parentes, dos amigos que deixarão; são infelizes trazidos em ferros, atravessando longes mares até chegarem a terras desconhecidas, aonde os condemnão a soffrer aturadas fadigas e violencias por toda a vida, para cultivarem os campos de estrangeiros, que não conhecem, que se chamão seus domnos, que colhem todo o fructo do seu trabalho, e que por accidente do azazo nascerão brancos e os outros negros; porque a diversidade da côr he todo o seu titulo da primaria. Estes desgraçados, mais cedo ou mais tarde, soblevão-se, tornão-se independentes e senhores dos que até alli os dominavão. E quem he a occasião proxima deste mal senão a desmezurada ambição que transplanta os negros para climas e terras estranhas, as leis que protegem este commercio, as doutrinas que o authorisão, e os tractantes que o meneão?

Nos tempos antigos vemos Roma combatendo dez vezes com seus proprios escravos, assolada por Spartaco dentro de seus muros; e estes escravos erão nascidos em Roma ou feitos nas guerras, não já como os negros tirados violentamente de seus lares, principal genero de commercio affricano, e desprezo dos europeos, que os maltratão e disfructão.

Na historia de nossos dias lêmos a Ilha de S. Domingos desmembrada da França; na Virginia e na Carolina repetidas tentativas dos negros brigando por se libertarem; e o Brazil soffrendo atrocidades commettidas pelos escravos transplantados; e todas estas conspirações com a mesma bandeira, e a mesma legenda » Morrão os senhores; libertem-se os escravos.»

A ambição e a cubiça teem vendado os olhos dos habitantes da America não os deixando vêr as terriveis consequencias da accumulção dos negros em muito maior numero que os brancos. Estes por maior industria conser-

vão o poder nas suas mãos, governando e dictando a lei; mas isto dura em quanto o numero dos escravos he inferior em meios ao dos homens livres; que apenas o excede, o amor da liberdade existe na propria escravidão, e aproveitão a primeira aberta.

Aquelles que captivarão os negros, diz o Abbade De Pradt, e com elles povoavão as colonias: aquelles que amontoarão quinhentos mil negros na Ilha de S. Domingos, forão os que a entregárão ás suas mãos; assim como, os que espalharão tantos milhares delles pela America Hespanhola forão parte para que ella se separasse da Hespanha. D'aqui se conclue que acabar com o trafico da escravatura, em logar de vir a ser causa de conspirações, he hum dos meios mais seguros de as evitar.

Não são mais judiciosos os propugnadores da escravidão dos negros quando accusão os que lhes protegem a liberdade; como se por ventura os negros carecessem d'amigos para sentirem sua desventura: para que queirão pôr-lhe termo, e tornar-se livres logo que chegue o momento de o poderem ser. Acaso renunciarão os escravos os direitos da natureza muito anteriores aos ferros do captiveiro? Dizem aquelles que se os negros não hovessem amigos, nunca os escravos se conjurárão; e não se lembrão que a natureza he mais antiga que os proctetores da liberdade dos negros, e estes não carecem de seus conselhos para sentirem e para obrarem.

Dizem que escudar a liberdade contra a cubiga e a tirannia, isto he, honrar a natureza, e respeitar o Christianismo quebrando os ferros do captiveiro, corre risco de converter os negros em instrumentos de destruição. He desatinar muito! Quanto se tem escripto n'esta materia cifra-se em decidir se hum habitante da Europa tem jus de ir á Africa roubar homens á sua patria, e mata-los com rigorosos castigos, e intoleravel trabalho dentro dos tropicos! Os que de palavra, e por letra sustentão a affirmativa são vazios declamadores que apregoão a legitimidade da escravidão, as facultades comparativas dos negros e dos brancos, e outras semelhantes inepcias, espraivando-se em palavras derramadas, passando as questões por alto sem saberem o modo de as resolver.

A escravidão he assumpto que desperta a sensibilidade de todos os homens compassivos, e o desvelo das Nações que possuem colonias, e tem de as regular e dirigir. As subtilizas, as medidas de prudencia, e todos os raciocinios, questionando de sangue frio ácerca da escravidão, de nada oproveitão ao escravo que padece, e quer deixar de padeecer. Podem estar certos os que discursão em similhante objecto, e os Governos que o tomão a peito, que os negros não tem outro pensamento senão o da liberdade. Toda a minha vida heide ser escravo! Eis o pensamento unico e permanente de todos os negros; e aos que lhes fallão de seus direitos respondem elles mostrando-lhes os grilhões, e as carnes despedaçadas.



Se a força he hum direito, foi por ella que teve principio a escravidão na barbaridade dos primeiros tempos; e apesar do muito que depois se apurárão os conhecimentos, houve-se por legitimo o habito de muitos seculos.

Cidadãos livres e pobres, a que os Romanos chamavão mercenarios, vendião a liberdade para se remirem da fome e da penuria. Se a sorte das armas falseava, o vencido, ficava captivo do vencedor que se apossava de sua vida e liberdade. Era pratica dos povos antigos reduzir ao captivo os que aprisionavão nas guerras. Ha pois tres castas de escravidão, todas contrarias ás leis da natureza e da humanidade a saber: a escravidão forçada, a voluntaria, e a involuntaria, a qual he o assumpto que temos entre mãos para discursarmos. Conhecemos que he difficil, porém não nos assombra a difficuldade.

Não só a fortuna das armas era origem do captivo. Se dermos fé aos escriptos de Homero, os povos da antiguidade gloriavão-se de piratear homens; a soldadeca embarcava á vista de todos, demandava as praias a remo surdo, accommettia as aldeas desapercebidas, e travava dos moradores á viva força; outras vezes a marinhangem punha o peito á terra, escondia-se nos bosques, salteava os pastores, e os captivava.

Ganhava-se a gloria n'estes recontros porque havia

cômbate, e d'aquí procedia o glorioso d'aquella profissão em que Ulisses fôra eminente; mas esta falsa gloria desvaneceu-se, e ficou substituída pela avareza.

Grecia e Roma havião as demais Nações como barbaras e captivas suas: portanto o roubo, a vaidade, e a avareza ajudarão a força como fundamento da escravidão. Em todas estas Nações erão os escravos reputados cousas, e não pessoas: avaliados pois os homens como genero que se compra e vende conforme a rebanhos de gado, era força que como rebanhos fosse tractados, e que a raça dos escravos fosse havida na mesma conta das alfaias de caza e dos animaes domésticos.

O commercio e a escravidão teem a mesma idade. Os povos de Thessalia, segundo Aristophanes, forão os que primeiro se derão ao estilo de comprar e vender homens. No Egypto houve o primeiro mercado d'escravos, o qual e'o da Ilha de Chipre erão os mais notaveis. Havia outro nas Ilhas do mar Egeo. Tyro e Sidonia tambem traficavão n'aquelle genero. Grecia e Roma tomarão o exemplo destes povos.

Seria desnecessario historiar cousas tão sabidas, que nos vierão da mais remota antiguidade, das quaes fallão as Sagradas Escripturas, os livros canonicos, as leis, os decretos, e de que andão cheias as historias antigas e modernas, senão relevasse desaffrontar o nome portuguez dos aleives que por esta causa lhe levantão para o escudrecer.

Quando os Portuguezes descobrião e conquistarão as terras africanas já os romanos, os carthagineses, e os arabes traficavão em escravos negros, exportando-os da Africa septentrional para a Asia menor. Os arabes trouxerão-os ás Hespanhas, vindo-lhes uns do interior da Africa em troca de mercadorias, e outros d'Arguim. Derramárão o uso d'elles por toda a Europa; e d'aquí se vê que este infame commercio já era cultivado muito tempo antes das conquistas dos portuguezes.

Escriptores ha, e não escrevem de leve, os quaes dizem que as Nações do norte como desbaratassem o imperio romano, começará logo de deminuir a escravidão por effeito do sistema feudal: querem outros, e he a opinião

mais fundada; que se devesse este beneficio ás luzes do Christianismo. He para lastimar que, modificada a escravidão antiga, viessem as Nações modernas, que fazem fimbria de christandade, renovar os seculos do paganismo, recebendo os escravos tão cruel tractamento que não só arrastavão cadéas mas chegando a escrever-lhes no rosto com infames lettras os signaes do captivo.

Em summa, todas as potencias maritimas entrãõ em competencia n'este barbaro commercio, e nos artificios que n'elle se encerrão. Todas ellas, para se justificarem, arrimavão-se ao exemplo dos antigos, e á lettra d'alguns concilios que tolerãõ este deshumano tracto, como se tolerar fosse approvar: e alem disto, os antigos fazião porventura uma cousa justa? e porque elles erãõ barbaros tambem nós o devemos ser?

Todavia as leis romãas moderavão o direito dos señhores, porque, ou os escravos fossem feitos na guerra ou nascessem d'outros escravos, não podião ser vendidos ás Nações estrangeiras; nenhuma d'ellas ousaria pedir aos romanos que lhos vendessem. Demais d'isto, os escravos, se os perseguião e molestavão, refugiavão-se nos templos, onde erãõ escutados e attendidos seus queixumes, e se lhes fazia justiça. A escravidão moderna requinta em barbaridade. Os escravos em nossos dias não teem leis que os favoreção, não gosão de nenhum beneficio, como não seja a tardia mas fulminante voz da justiça e da philosophia que os protege.

Os negros são singelos e obedientes por natureza; vive bem com elles quem se fizer amar e respeitar, he gente quieta livre de contendas e paixões; e aonde isto ha não fica aos colonos estabelecidos nada que desejar nem que fazer senão atrahi-los, tractalos com affabilidade, e doutrina-los bem: mas tem sido pelo contrario; andão resabiados e sentidos das affrontas e traições praticadas com elles á falsa fé depois que os europeos levarão á Africa a avareza e a cubiga do ouro. Deste procedimento vem o odio que aquelles lhes teem. Desta cubiga de ouro nasce a má sorte dos africanos, sempre em guerra aberta para reciprocamente se aprisionarem e venderem. Acabe-se o com-

mercio dos negros, acabadas ficão as guerras entre estes desgraçados. Diz-se que são inferiores aos brancos por natureza: e que teem feito os brancos para lhes desbasta a rudeza? que exemplo de moral e bons costumes lhes tem dado? que sementes de virtude plantarão em seus corações? que letras, que artes lhes ensinarão para os policiares? Como se pode então sustentar esta temeraria e falsa proposição? Os jesuitas desde o reinado d'El-Rei D. João 3.^o desmentirão semelhante assersão. A elles se deve a primeira e principal cultura dos negros em nossas conquistas. Antes e depois não houve quem os doutrinasse. Pregadores do Christianismo alimpavão aquellas terras dos espinhos e cardos da infidelidade: á cultura respondia o fructo com maravilhoso effeito, e os negros tornavão-se duceis ao ensino, e á obediencia do Evangelho. Fôra grave injustiça negar aos jesuitas este merecimento. Lêão-se seus escriptos; vêr-se-ha como ajuizão dos negros, cujo natural julgão disposto para se imprimir n'elles tudo que lhes ensinarem, sendo o accidente da côr quem somente os distingue dos europeus. A prova d'isto era o Paraguay, e todas as mais terras da Asia, da Africa, e do Brazil, onde estes padres dominavão e cathequisavão. Um d'elles, o doutissimo Antonio Vieira, homem de muitas letras, e que por occasião de suas missões fazia vida com os negros, diz que elles teem agudeza de juizo, e toda a habilidade e politica que cabe em gente sem fé e sem riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza. Falando de Cabo Verde, diz que alli os clérigos, e conegos são negros como azeviche, mas tão compostos, tão authorisados, e tão doutos, tão grandes musicos, e tão discretos, que podem fazer inveja aos que vemos em nossas cathedraes; em fim que a disposição dos negros he qual se pode dezejar. Nós, que os conversámos mui de perto na Africa Oriental, só achámos nelles extrema ignorancia por falta d'ensino, e aquelles vicios que tomáão dos europeus. Para compararmos os negros com os brancos devemos collocá-los em identica situação. Aos primeiros barbarisamos o engenho e os talentos com os males da escravidão.

vidão; e nos outros os desenvolvemos, e animamos o genio com as esperanças que lhes promete a liberdade. Isto prova que a esphera dos africanos iguala a sua situação; que estão hoje tão atrasados como estavam todos os outros povos n'aquelle mesmo estado da sociedade; e que hão de emparelhar com as Nações cultas em adquirindo o mesmo grau d'illustração. Que tempo e fadiga não custou aos brancos para chegarem a explicações agudas, e conceitos levantados, com entendimentos mimosos para os penetrar?

Os negros, contando das Ilhas de Cabo Verde até ás extremas da Africa Oriental, dão provas de tanta capacidade como tem os asiaticos, e os europeus; só lhes falta educação e ensino para hobrearem com elles. Os negros dos certões são mais duros e intractaveis que os das terras pegadas ao mar, porque vivem sem nênhum commercio com os europeus, e é por isso que, menos corrompidos, se deixão colher ás mãos e calir nos laços que lhes armão os visinhos á costa para os aprezar. Da mesma forma que estes sabem trahir porque os europeus os ensinarão, saberião obrar e discorrer com acerto se os disciplinassem.

Os negros que morão á borda do mar são geitosos para toda a casta de mão d'obra; trabalhão em tecidos de palha e d'algodão primorozamente. Os negros em geral contão de cabeça com admiravel promptidão, deixando a perder de vista os europeus, que para fazerem as mesmas contas pegão da penna, e errão muitas vezes. Os negros aprendem todas as linguas com muita facilidade: europeus ha (e he a mór parte d'elles) que, em vindo adultos para terras estranhas, não perdem o resaibo da lingua nativa, quando os africanos, ja homens feitos, tomão em pouco tempo os vocabulos e a pronuncia.

Cuidão muitos que he a cõr negra que torna a gente da Africa inferior á outra na ordem da natureza; e vão ainda mais longe accarretando a Escripura Sagrada, que, segundo elles dizem, a assignalára como raça reprovada.

Por ventura os homens originariamente erão todos da mesma cõr, ou a maldição lançada sobre a descen-

dencia de Kam introduzio diversidade no sangue? Em cinco differentes côres se divide o genero humano até agora conhecidas; vem a ser, branco, pardo, bronzeado, côr de cobre, e negro. A dissimilhança só existe naquella parte da pelle em que rezide a côr. Sobre isto não ha controversia depois que Malphige demonstrou que entre a cutis e a epiderme dos negros ha uma substancia coagulada, a que se dá o nome de *reticulo mucoso*. A cutis e a epiderme dos negros são exactamente como as dos brancos; e o que torna aquelles de diversa cathogoria, iguaes aos brutos sem direitos e sem liberdade, he aquella membrana que teem de mais! Tal he a fraqueza deste argumento a favor da ambição contra os direitos da natureza e os dictames da justiça, da politica, e da humanidade.

A gloria dos Portuguezes, talando tantos mares desconhecidos e nunca navegados, descobrindo e senhoriando tantas terras, avasalando tantos reis no Oriente, á custa de fadigas, batalhas, e victorias, sublimou-se de maneira que as travessuras praticadas com os povos que não conquistando não deslustrão o esplendor de tão grandiosas façanhas, e merecem o mesmo acatamento.

N'aquelles tempos os conquistadores a nenhuma cousa perdoavão por deshumana que fosse; assolavão, desbaratavão tudo como podessem medrar em cabedal e renome de valentes. Porém não forão só os portuguezes que assim procederão; todas as outras Nações que colonisarão fizeram-no do mesmo modo, e cevarão-se na cobiça do ouro. Chegavão, guerreavão, derrotavão, e captivavão. N'aquelle tempo todas as Nações havião o mesmo theor de vida e sistema colonial; suas relações com os povos d'Africa por espago de muitos annos cifravão-se exclusivamente no commercio dos negros. Folheem-se seus antigos annaes: todas as folhas estão ensanguentadas: então a Europa fazia uma só Nação em crueza e barbaridade.

Não he certo o numero dos escravos annualmente exportados da Africa occidental e oriental; varia conforme os terrenos que os europeus cultivão nas suas colonias. Segundo o testemunho de Clarkson ainda no anno de 1766

sahirão da Africa para as colonias europeas na America cento e quatro mil escravos, e quasi não abaixou este numero nos cinco annos seguintes; deminuo em quanto durou a guerra da America, e andando o anno de 1786 desceo a cem mil o numero dos escravos exportados, e a trezentos e cincoenta o numero dos navios que os conduzião. Este numero, sem medo d'errar, he o que d'ordinario exportão os europeus em tempo de paz.

Inglaterra em 1786, pelo que diz o mesmo escriptor, armou cento e trinta navios que transportarão perto de quarenta e dois mil escravos: levantarão ferro dos portos de Londres, de Bristol, e de Liverpool. Só deste forão quasi noventa. Não desmerecem pois as gentilezas da Nação Portugueza, as mais illustres que andão nas historias humanas, nem lhe damnão a fama as mesmas causas que outras Nações praticarão pelo mesmo estilo.

Todas as que possuem colonias se demaziarão ao principio. Se os portuguezes captivãõ homens para os vender ás outras nações, todavia nenhuma era com seus escravos tão humana e compadecida. O espirito d'avareza e oppressão foi sempre mais desmedido nas colonias estrangeiras, cujos escravos soffrião tamanhas torturas que quasi desaparecem as que fazião os portuguezes.

Em todas as colonias havião os escravos o mesmo mister, que era fazer grangearia de rendimentos e lucros para seus senhores. Esta era a sua vida de todos os dias quando as algemas lhes desprendiãõ os pulsos. Com rarrissimas excepções todos os senhores se descomediãõ em deshumanidade; mas os portuguezes erãõ os mais brandos e caridosos com estes infelizes, os que menos lhes carregãõ a mão nos castigos, e melhor os alimentãõ.

A mortandade dos escravos nas colonias das outras nações avantajava-se á das colonias portuguezas porque estas nações não lhes davão folga nem de dia nem de noite; trazião-os famintos, mal vestidos, e retalhãõ-os com açõites se a terra não brotava a aprazimento do senhor, por mais diligencias que fizessem para o conseguir.

Entrar uma d'essas estancias da deshumanidade era ver a magreza e a fome no semblante dos escravos, a robustez e a fartura no rosto dos feitores, e a arrogancia e

a vaidade no aspecto dos proprietarios. Aqui só se ouvião os gemidos e os clamores das victimas desfalecidas ou á dureza dos trabalhos, ou á dor dos golpes que lhes escalvão as carnes.

Foi o coração dos portuguezes que primeiro se magoou com a triste sorte destes infelizes; e no reinado de El-Rei D. José se haveria acabado com o commercio dos escravos se o Brazil que então possuimos o não fizesse temporariamente necessario: o que o Governo da Grã-Bretanha reconheceo na excepção estipulada no tractado de 1815 ácerca da exportação dos negros em navios portuguezes para aquelle tambem então dominio de Portugal. Assim mesmo, graças á sabedoria do Monarcha e do seu Ministro, terminou a escravidão, tanto dos negros que nascem no reino e ilhas adjacentes, como dos que entrão pela barra dentro.

A Grã-Bretanha commerciou em escravatura como as outras nações maritimas e coloniaes; mas emendou a mão, conhecendo que muito mal lhe fora em quanto negociára em homens, e que similhante mercancia não conformava com a lei natural, a politica, e verdadeiros interesses do commercio. Todas as mais nações coloniaes cahirão em si, horrorisárão-se de haver frequentado tão infame trafico, e fizeram liga commum em beneficio da humanidade. N'esta liga entrou Portugal tanto mais de dentro que he a nação da Europa que possui a maior porção de terras de que procede esta especie de mercadoria.

Se não procuramos escurecer que a nação britanica a este respeito tem dado em nossos dias o mais vehemente testemunho d'amor á humanidade; tambem esta mesma nação deve confessar que em 1810 fora a Portugueza a primeira que annuo a seus votos, e concertou com ella ir abulindo pouco a pouco aquelle trafico, o que se concluiu effectivamente ao norte do equador pelo tractado de 1815. Fez mais: concedeo que seus navios mercantes fossem explorados, e derradeiramente, por Decreto de 10 de Dezembro de 1836, declarado por outro de 16 de Janeiro do anno seguinte, foi absoluta e uni-

versalmente defeso este execrando trafico em todos os dominios portuguezes.

Se estes vendião maior numero d'escravos por ser genero nascido em terras do seu dominio; se por este commercio trocarão a agricultura, a mineração, e os muitos e diversos meios que lhes offerece esta região para serem poderosos e opulentos: agora devem emendar os erros que se oppunhão á sua felecidade.



He chegado o tempo de Portugal despertar do lethargo, e d'entrar a braços com suas derramadas colonias; de saber o que valem, o que são, o que podem ser, e de franquear todos os obstaculos para as fazer proveitosas. Praza a Deos que se escutem avizos acertados, que se troquem especulações fantasticas e cerebrinas por obras que se vejão e se palpem, sujeitando os caprichos e a vontade ao entendimento.

Os que mandão attentem no que dizem as pessoas intelligentes e praticas das colonias; destas pessoas de pezo que não arremeção votos indiscretos; destas que quebrão e não torcem; que ajustão as palavras com as obras, e as obras com as palavras. Oução os interessados no bem publico, e não estes que pretendem fazer d'elle negocio particular e proprio, que se metem á cara dando conselhos para caberem com os ministros, arrojando-se a tudo com absoluta ignorancia dos homens e das cousas, não distinguindo o possivel do impossivel, nem quando nem como hão de entrar e sahír para bons effeitos. Ao mesmo tempo dê-se ajuda e favor aos proprietarios e negociantes em suas emprezas, e fação-se leis convenientes de que se cõlha fructos: leis praticaveis, adequadas aos logares e ás circumstancias privativas dos povos: leis especiaes, e que desção ás hypothèses; não d'estas que estreitão a jurisprudencia no circulo das generalidades: leis claras e certas de que os magistrados se não fação senhores, e mais temiveis do que ellas.

Ha outro ponto essencial, que he a escolha das pessoas a cuja conta hade estar a administração das colonias. Sempre foi, e ora com mais despejo, serem muitos os que aspirão aos empregos, e nenhum tão desamparado de valias que desespere de os alcançar. Pretendentes ha que antes de despachados já repartem cargos, e mandão fazer as vestiduras do emprego, com quanto o merito d'alguns destes pretendentes resida só no valimento dos protectores. Com taes pretendentes não haja o mais leve descuido, pois he de temer que á sombra da protecção cuidem muito em si, e se descuidem muito do officio. Sirva a protecção para designar o sugeito, e sirva a boa fama para abonar o protector; mas quem provêr os empregos mêta a mão em cada um dos protegidos; espreite como estão de letras, costumes e intelligencia; se ferve n'elles cobiça e ambição; e a haverem já occupado algum cargo, saiba como se houverão n'elle, como despachavão, que expediente havião nos negocios: haja cuidado em não fazer empregados de novo que como creaturas de quem os protege lhes sejam ficis a seus interesses, uns manifestos outros encobertos. Ao mesmo passo devem-se prevenir culpas antes que se commettão; e a melhor prevenção para tolhêr que os empregados publicos se desmandem he honra-los, pagar-lhes bem, e castiga-los pontualmente quando prevaricão. Como assim se pratique e ponha em obra o mais que lembramos hade Portugal extrahir de suas colonias riquezas nunca esperadas nem cuidadas nas eras que passarão.

Apontamos o que havia de duro e injusto no commercio dos negros; ora mostraremos que este commercio era nocivo a nossos interesses, e acabar com elle redundará no maior proveito das colonias e da metropole. Começemos de as ordenar por dentro, que todas andão desmanteladas e perdidas como se forão propriedade sem dono. Geralmente fallando os negros e os brancos naturaes da Africa, com poucas excepções, andão par e par na ignorancia, porque os Governos nem a uns nem a outros teem acudido. Alli nem ha moral, nem leis, nem christandade; tudo anda a esmo sem alinhamento nem compostura.

Nem outra cousa podia rezultar de nosso errado si-

tema colonial, resumido ao commercio da escravatura, mantido por guerras aturadas, e tantos maleficios praticados para este fim. Estancar semelhante manancial de crimes e immoralidade por si só não he ja pequeno beneficio.

Em duas cousas deve entender o Governo ao mesmo tempo: cuidar dos negros, dando-lhes ensino, trabalho, e condição de homens; cuidar dos brancos, animando o commercio, a agricultura, e a mineralisação, facilitando-lhes os meios de fazerem boa colheita nos ramos a que se dedicarem, limitando a authoridade dos senhores com regimento apropriado e condescendente, não faltando com exemplar castigo quando se deslizarem assim os que mandão, como os que obedecem. D'envolta, em vez d'espantar os negros, attrahi-los com tracto amigavel, e dadas opportunas; conservar aquella força militar sem a qual não ha sujeição nem respeito; fazer de tempos a tempos remessa de bons mestres que lhes ensinem letras, e de parochos exemplares na vida e na doutrina, que com as obras e a palavra ensinem e testemunhem a verdade eyangelica, e não deixem manter a idolatria e ritos gentilicos á sombra do christianismo, como acontece com muitos dos negros domesticos a que chamão ladinos; e por ultimo mandando levar de soldadesca escolhida e bem paga, revezando-a em prazos certos, em lugar de levar de criminosos, atolados nos vicios, e sem medo da morte, que não ha lei que os reprima, nem freio que os contenha. Estes facinorosos levão consigo e transmitem aos naturaes todos os vicios e crimes porque forão desterrados, aggregão-se aos poderosos, e são companheiros e sentinelas de suas iniquidades. De mistura com estas providencias deve entrar uma inteira faculdade de mercadejar; liberdade civil quanta permittirem as leis; e liberdade politica a que baste para serem felizes e bem governados debaixo da obediência da metropole. Conseguido isto, grangearmos riquezas sobre riquezas de que até hoje estamos privados. Não ha fugir a razões tão claras e apertadas.

O territorio da Africa he o mais fertil do globo; seus naturaes são inclinados a commerciar, o que se manifes-

ta pelos que traffão em todos os generos a que achão sahida. Se antepõem vender honrens, se combatem entre si para os haver ás mãos, se preferem este genero, he porque os europeus lhe dão consummo com preferença ás outras producções do paiz.

Por dilatadoz annos não houve outro commercio entre os europeus e os africanos senão o dos negros. Alguns negociantes portuguezes tomarão depois estreitas informações dos habitantes do sertão, e souberão que por elle dentro e ao longo da costa havia variedade de drogas: logo lhes pareceo que era bom alterar a correnteza do negocio da escravatura, e concertarão com elles fazerem outro de nova especie no que convierão promptamente, indo em busca do que se lhes pedia. Se desde logo se explorasse o territorio, investigando o que elle contém, estaria hoje Portugal massiso de riqueza.

Descobrio-se pois que as florestas africanas abundavão em madeiras de construcção, e outras de varia sorte; que os matos e arvoredos que as produzem erão tão altos, tão fechados, e tão antigos como a creação do mundo, e que pela grossura dos troncos os naturaes fazem d'elles embarcações inteiriças. Havião os especuladores que estas madeiras serião mui rendozas; mas cuidavão que os africanos, reputados indolentes, se furtarião ao aspero trabalho de desmoitar bosques inacessiveis: enganárão-se; porque se deitarão a elle com o mesmo fervor com que monteavão os elefantes para cõlher o marfim, e apresionavam os negros para os vender. Metião-se mais de duzentas leguas pela terra dentro em busca de paus similhando os que se lhes mostravão; e se invernavam trazião-lhos pontualmente aos navios nas suas proprias canoas, e recebião em troca objectos de que carecião. Errado he pois o juizo dos que affirmão ser difficil e quasi impossivel reduzir os negros da Africa a outra casta de commercio que não seja o da escravatura. Se elles ião tão longe cortar madeiras ao interior do sertão, de muito melhor vontade hão de ser lavradores na sua propria terra.

Há outro argumento de que se ajudão os contrarios á nossa opinião; e que para nós não he argumento; e

vem a ser: he necessario haver navios para transportar os escravos, e estes navios são eschola da arte de marcar, que he aquella que mais precisão as potencias que têm colonias. Mas respondemos a isto que tal vantagem he accessoria a todo outro commercio que se fizer com os demais productos do solo africano. Finalmente os que assim discursão e argumentão querem dizer que os escravos considerados em si mesmos, e fóra de todas as relações accessorias, são materia de commercio muito rendoso. Vejamos se assim he.

Nossos dominios africanos offerecem-nos dois objectos de commercio, a saber, — os productos que a terra contém e brota de si, e os negros. Vejamos agora qual d'elles, olhado em si mesmo, he de maior vantagem, e, em boa politica, mais conveniente agricultar. Se feita a comparação vimos que um destes objectos he de maior utilidade publica do que outro, segue-se que est'outro que absorvia a mór parte de nossa attenção, e a desviava d'aquelle mais vantajoso, he contrario aos interesses da boa politica.

Ja notámos que havia na costa d'Africa diversos ramos de commercio que nenhuma afinidade teem com o da escravatura; muitos dos productos desta região occidental e oriental andão já conhecidos e classificados; porém muitos ha por classificar e conhecer, e que cessando o trafico da escravatura, excitarão a actividade dos Governos, e a industria e o interesse dos negociantes para o substituirem, e compensarem as alfandegas.

O acaso, e só o acaso, nos patenteou os thesouros ja descubertos no continente da Africa; porém elle guarda no seu seio muitos outros até agora desconhecidos pelo pouco que se tem investigado. Mal se averiguou ainda o reino vegetal: quando muito as arvores, as plantas, as raizes, os fructos, e as folhas teem sido analisadas por este ou aquelle naturalista e chimico observador; mas pouco teem adiantado no conhecimento dos terrenos, das pedras, dos metaes, e das minas deste rico paiz.

Não causa admiração que os africanos, ignorando as diversas artes e officios que se usão na Europa, e os variados objectos de luxo e utilidade que fornecem ma-

teria ao commercio dos europeus, não inquirissem quaes seriam mais estimados e de maior prego; mas he para maravilhar que em nossos antefiores tempos, mais fartos e tranquilos, andassemos tão descuidados sem dar passo, nem tomar medida alguma a semelhante respeito. Descautelados do futuro, aproveitando o que estava mais á mão, fomos indo á mercê da fortuna, com tanta indolencia e desaccordo que hoje mesmo muitos dos que negoçoão e discorrem por aquellas costas, além do genero escravos, sabem tanto dos outros como os que nunca lá forão.

A mór parte dos nossos terrehos africanos produzem os mesmos generos, com mais ou menos trabalho, mas dizendo uns com outros na abundancia e boas qualidades. Madeiras, havemo-las de differentes especies, todas boas, e para todos os misteres. He tanta a variedade e fatura d'ellas que por si só podiam ser um lucroso ramo de commercio. Tambem as temos para uso da tincturaria e da medicina: as de que se tirão côres para a tincturaria não as ha superiores em nenhuma outra região. Oução-se os que vivem de manufacturar obras de lã e seda que a uma vóz dizem que as drogas de tincturaria d'Africa são melhores que as de qualquer outra parte do mundo. He certo que quasi todas as côres de que se servem os africanos, exceptuando a azul, são extrahidas d'arvores indigenas, e posto que haja certo processo em as preparar, facil será descobrir o segredo.

Não só os arvedos e as florestas africanas enriquecem o commercio com seus productos, outros ahi ha de igual, ou maior momento; taes são muitas drogas medicinaes, e a cera, o ambar, o marfim, o anil, a tarturuga, os aljofares, as perolas, o ouro: de tudo isto, senão do ouro, teem os inglezes feito retornos para a Europa mais ou menos avultados: e foi tambem o acaso, e não a diligencia, que fez estes descobrimentos.

Os primeiros artigos africanos que os inglezes introduzirão no seu commercio foi a gomma do Sennegal, o sangue de Drago, amendoas, e azeite de côco. Seguirão-se os francezes que descobrirão a gomma copal com grande vantagem mercantil; e passado tempo he que os inglezes vierão no conhecimento dos lucros que resulta-

vão d'esta descoberta. Tractarão logo de conhecer a arvore, mandando-a analizar por naturalistas de bom saber, e locupletarão seu commercio com este novo producto. Grande copia d'ellas teem os portuguezes nas ilhas de Cabo Delgado tão desprezadas como se para nada prestassem. Achou-se depois o aforbio, a rezina de Gayac, orhuibarbo, a jalapa, a calumba, e outras mais drogas e raizes de tanto uso na vida, e que muito podem abastecer nosso tracto commercial. Quanto se ganharia se levando nós áquellas paragens os generos de que ali se carece, trouxessemos em troca estes effeitos que lá temos, e que compramos aqui tão caros a quem os vai buscar ás Indias orientaes.

Dão-se na Africa diversas especies de pimenta: a malageta, de que se provião todos os navios que andavão á escrivarura, e de que o uso se tem generalizado na Europa: a pimenta comprida; e a pimenta negra e redonda mais picante e mais cheirosa que a da Asia. De todas estas especies teem os portuguezes nos seus dominios africanos como se não as tivessem; e além d'ellas a canella silvatica, ou *Cassia lignea*, e a noz moscada, mas ambas sem nenhum grangêo como a natureza as creára.

Que diremos então da nicocianna, do arroz, e do annil? O nosso terreno africano he tão fecundo em qualquer d'estes generos que cada um d'elles separadamente pode ser um precioso ramo de negocio. Nicocianna não a ha melhor que nas terras que alli pertencem ao dominio portuguez, e he muito superior á que produz a America. Dizemos outro tanto do arroz: o de Sofála avanta-se muito ao da Asia, e he mais saboroso, mais nutritivo, mais duradouro que o dos outros paizes. O annil estrema-se na formusura da côr, e he tão fixa que passada pela agua não desmerece, antes realça grandemente.

Mas a producção que sobresahe a todas nas terras africanas he o algodão. Nas que são nossas havemos grande abundancia d'elle, de que não fazemos cabedal, deixando-o á natureza, sem o plantar nem cultivar, e nem ao menos cuidarmos em lhe averiguar a qualidade. O muito que em rama acodia do Brazil ás praças de Lisboa e

Porto, como se o Brazil houvesse de ser para nós eterno, nos vendou os olhos para não enxergarmos que nos dominios ultramarinos portuguezes começa de florecer a arvore que o produz desde a Ilha da Madeira até rios de Sena na Africa oriental. Nesta região, e na occidental não occupamos territorio que o não dê copiosamente. Ha d'elle de varias côres; branco, amarello, carmesim, mais ou menos apertada a côr, mas todo silvestre. Assim mesmo o empregão os naturaes em diversos manufactos. Os versados n'este artigo graduão-lhe a bondade pela maneira seguinte: primeiro o da Persia e da Africa, depois o do Brazil, de Sião, e de Surinham, em terceiro logar o da Ilha de S. Domingos, e mais inferior o das ilhas inglezas da India occidental.

Do que deixamos dicto seguem-se duas consequencias: uma he que o commercio dos negros estorvava até agora o dos objectos que ficão apontados, e outros muitos, taes como ferro, prata, lãs, couros, vermelhão, opio, senne, café, azougue, sandalo, canna fistula, e quantidade d'outras producções que por alli ha, e que não cedem ás das outras partes do mundo conhecido; — e outra he que se nos offerece oportunidade, acabado que seja este trafico da escravatura, de podermos recuperar a perda do Brazil.

Dissemos que a nossa Africa tem duas sortes d'objectos de commercio, que vem a ser, as producções territoriaes, e os negros: o ponto substancial he determinar qual dos dois considerado em si mesmo he politicamente de maior utilidade. Da maneira com que tractamos o primeiro objecto havemos, sem medo de replica bem fundada, que pode ser manancial de riquezas para Portugal, e que pagará com usura todos os perigos, despezas, e trabalhos do costeiro. Confrontemos agora as vantagens deste commercio com o da escravatura. Qual he a publica utilidade que d'elle provém? — Nenhuma. O proveito he exclusivo a certos individuos, cujo numero he tão diminuto que seria vergonha compara-lo com o das pessoas que podem lucrar com os productos territoriaes.

Se pois o commercio dos negros, despido de todos os accessorios, não interessa ao publico, e o que he peor

ainda, se tolhe todo o outro commercio que comparado com elle he o mesmo que uma ribeira comparada com o oceano; claro fica que de todos os ramos de commercio africano que Portugal pode cultivar o da escravatura he o mais contrario á verdadeira politica.

Para que não fique objecção por fazer, ha quem, julgando o commercio dos negros proveitoso a esses individuos particulares que d'elle vivem, approve que se conserve, apezar de tantas e tão fortes razões em contrario. Esta objecção ligão elles tão estreitamente á politica, que convém mostrar que aos mesmos particulares he elle nocivo.

Trez são os fundamentos em que se escorão as vantagens do commercio, a saber: — pouco risco, — retorno prompto, — e grosso beneficio. A estes trez fundamentos referimos o commercio dos negros.

Nenhum commercio monta em menos que este no primeiro caso; e nenhum encontra no mercado tamanha rivalidade. Chegão os navios com as mercadorias de resgate á conta de retorno d'escravos, de que todos á uma se querem prover com preferencia; e por causa desta rivalidade não chegão muitas vezes a completar a carregação com que contavão, de sorte que o carregador compra mais caro que calculára, e o negociante tem menos lucros, quando não tenha perda certa.

A mortandade he outra circumstancia que torna este commercio mais contingente e arriscado, ou ella aconteça em quanto os escravos já comprados se demoram em terra, ou sobrevenha no mar durante a viagem, por mais cuidado que haja da parte dos carregadores para lhes conservarem a vida.

Demais disto, a navegação neste trafico faz-se ás vezes com as tormentas do inverno a braços. Amanhece hum dia de rosas; levão ancoras, largão vellas, sahem os navios atulhados d'escravos com vento feito, mar de leite, contando prospera viagem: subito cerra-se o tempo, e os mares tornão-se tão cruzados e soberbos que os navios obedecem ás ondas, navegando á misericordia dos ventos sem carreira nem governo. He horrivel então o alarido dos escravos atuchados uns com outros; e o tinir do:

ferros; os ais, os prantos, os clamores, os mares alagando o navio por um e outro bordo, a celeuma dos marinheiros, o sibilar dos ventos, e o continuo estrondo das ondas! Cresce o tempo e o perigo; alijão ao mar uma parte dos mantimentos, e dos outros objectos que levão, por salvar a carga e a gente. Muitos escravos quebrão pernas e braços; outros morrem suffocados. Um navio abre com a furia do vento, e fica submergido; outro anda sem mastros, e desenxarciado á vontade das ondas, sem obedecer ao leme, vendo-se por momentos soçobrado. Toma este uma terra desconhecida; aquelle uma enseada; outro póde arribar a porto sabido, mas chega destroçado; e o especulador ainda se saborêa se o navio e carga se não perdêrão na profundeza dos mares.

Verdade he que as tormentas não accommettem os navios pela qualidade da carregação; mas em tamanho conflito nenhuma he tão danosa e prejudicial como a dos escravos, assim pelo que empáchão os navios e estorvão a manobra, como pela grande despeza que com elles se faz nas arribadas, no que se embebem ás vezes todos os lucros da negociação, ficando o especulador frustrado das esperanças que por tão certas concêbera.

He o terceiro inconveniente, como ás vezes succede, concorrerem muitos navios a um tempo, e ao mesmo porto, sendo então forçado, para não voltarem de vazio, irem alguns prover-se a outras paragens, aonde ou teem menos extracção as mercadorias que levão, ou quasi nenhuma, havendo então de comprar o resto a dinheiro de contado, ou baldearem os escravos já comprados: em tudo isto ha delongas e perdas consideraveis. Outras vezes acertão de abarrotar os navios com a grossura da carga, e he força venderem parte d'ella por menos preço que calcularão no começo da especulação. Quarto inconveniente he a demora do pagamento nas terras para onde os escravos são exportados. De ordinario neste trafico as letras são sacadas a maiores prazos, e quando se realiza só depois d'aquelle prazo, he que o negociante póde tirar lucro certo da negociação.

Estes e outros inconvenientes tornão arriscadissimo similhante commercio, que outra cousa não be senão hu-

ma rigorosa loteria, a que se aventurão hum para enriquecer n'hum golpe de mão, outros para restaurarem negocios perdidos e mal calculados, entregando-se aos acasos e contingencias da sorte. Os que se lanção n'este commercio correm o mesmo risco, e no mesmo proposito dos que recorrem a jogos de parar.

Appelamos para os factos que passarão debaixo de nossos olhos. Chegavão navios, e d'elles havia que era aquella a terceira viagem em que ião todas as esperanças de restaurar a fortuna do proprietario desbaratada por aquelle mesmo commercio. Outro, engodado pelo bom exito da viagem antecedente, vinha pelos mesmos ganhos no anno seguinte, e voltava perdendo mais que lucrára na primeira. Se um navio ganhava cincoenta por cento, não correspondia este interesse ao de outro navio sahido do mesmo porto, nas mesmas aguas, e para o mesmo commercio. Este segundo navio perdia na mesma proporção em que o primeiro ganhára, e ficava tão escarmentado que não tornava lá mais.

Passemos d'individuos a corporações. A Companhia africana de Londres foi por vezes malaventurada n'este commercio. Desde o anno de 1763 até 1772 cortarão os negociantes desta praça todas as relações commerciaes com os de Liverpool que negociavão em escravatura, por que neste espaço de tempo não deo senão perdas este commercio. Continuarão na mesma precedente reserva até 1778, e no decurso destes seis annos os negociantes deste genero perdêrão settecentas e dez mil libras sterlingas. As quebras então forão numerosas.

Ha com effeito circumstancias extraordinarias, como são guerras entre potencias maritimas, que favorecem esta qualidade de trafico. Se os aventureiros acértão d'escapar aos navios inimigos, fazem fortuna: não poucas se fizerão por este meio em quanto durou a guerra da America; e grande parte d'ellas coube a Portugal, que soube guardar então perfeita neutralidade. Mas feita a paz, volveu este commercio ao que d'antes era, e deu as mesmas perdas. Comparemos estas com os lucros, calculando as despezas de todos os navios que em hum anno sahirão para este tracto, e ver-se-ha, ao ajustar das con-

fas, que as despezas excederão muito á receita, sendo o balanço contra o total dos que se arriscarão ás contingencias deste commercio.

Mas se elle he tão arriscado, arrazoão alguns de contrario parecer, como ha quem a elle se arroje, e por esta via tenha enriquecido? Já demos a resposta quando notámos que o commercio dos negros he uma loteria. Em todas ellas ha bilhetes pretos e brancos; o numero d'estes excede muito áquelles; apezar disto joga-se nas loterias e os bilhetes não ficão por vender. O mesmo acontece com o trafico da escravatura. Alguns negociantes ganhão, mas o maior numero perde; alguns continuão a lucrar; mas a maior parte d'elles ficão arruinados. Porém como se entregão elles ao acaso? he outra pergunta; e nós tambem perguntamos: por que ha quem se exponha aos azares do jogo? Os termos de comparação condizem e todas as difficuldades que ha d'hum lado resolvem-se pelo outro.

Já vimos o valor do commercio dos negros applicando-lhe os tres modos caracteristicos porque se regula a estimação commercial: sigamos o mesmo methodo a respeito dos productos territoriaes. He claro que este commercio he muito menos arriscado que o outro: o arroz, o annil, o tabaco, as drogas, e todas as demais produções africanas são mercancias muito menos caducas que os escravos; embarcão-se em menos tempo, não empachão os navios, teem mais prompto consummo, e são de mais barato costelo; os seguros por consequencia são mais baixos, e o prazo das letras he mais curto. Para alargar mais a comparação ajunteinos que em quanto hum navio d'escravatura faz huma viagem, o outro pode fazer duas; de modo que se hum navio d'escravatura em huma só viagem desse mais lucro que qualquer outro em algum dos outros generos; indo este duas vezes no mesmo tempo, ainda estavamos em perfeita paridade.

Ajustada a mesma medida a estas duas especies de commercio, o das produções territoriaes he sem duvida mais lucroso que o dos negros; de donde se deduz hum novo argumento contra este trafico, pois que não só he arriscado, lento nos retornos, e ao todo desvantajoso, se-

não que atraza o estabelecimento de qualquer outro, cujos effeitos são exactamente contrarios.

Os que fazem acinte de authorisar o commercio dos negros affirmão que a politica interessa sobremaneira na sua conservação; e a razão he por que os africanos engolfados n'elle não cultivão as produções de seu proprio territorio, que são as mesmas d'algumas colonias estabelecidas em outras regiões. Esta politica póde quadrar aos brazileiros e inglezes se os generos produzidos e cultivados na Africa vierem competir com os da mesma casta nascidos no Brazil, e nas colonias inglezas; mas os mesmos inglezes possuidores de colonias que produzem generos das mesmas qualidades que nascem na Africa, não reconhecem a bondade de similhante politica. Nós tambem não estamos por ella, nem he hoje applicavel a Portugal, cujas colonias se estendem ao longo da costa no continente africano e ilhas a elle adjacentes; e as terras que possuem na Europa e na Asia não produzem aquellos generos.

Quando o Brasil nos pertencia lá podiamos tapar mais as orelhas aos gemidos dos negros africanos e seguir aquella politica. Então andava ella em competencia com a humanidade, e a ambição em guerra com a natureza: mas isto findou; já não havemos estes dois obstaculos, e outra politica mais nobre nos obriga a sermos agora quem mais se empenhe na bem entendida liberdade dos negros.

Querem os partidarios d'este commercio que se conserve como manancial de boa marinhagem; e nós diremos que, longe de o ser, he a sepultura dos marinheiros.

São diversas as causas, e nós as vamos numerando. Primeira causa: Fundeão os navios arredados da terra, ou ficão pairando em quanto os marinheiros nas lanchas andão costeando com olho nas praias, e nos signaes que de lá lhes fazem para irem tomar carga; alongão-se dos navios em grande distancia e ausentão-se d'elles por muitos dias, porque o meneio deste commercio assim o requer. Entretanto soffrem as inclemencias e inconstancia d'um clima aonde os dias abraçã, e as noites congelão: ás vezes soçobráo as lanchas com os marinheiros,

e os que acertão d'escapar ás ondas chegam aos navios tão cortados e abatidos que, ou morrem antes de se findar a viagem, ou ficão para sempre incapazes de servir.

Não se dão estes contratempos no commercio dos outros generos africanos de que temos feito menção. A estação das colheitas he periodica e regular; os naturaes vem rio abaixo trazendo os generos em canoas fechadas, e não descobertas como as do uso da escravatura, e os arrecadão em armazens e logares accomodados, aonde vão por elles os compradores em todas as estações do anno.

Em quanto á malignidade do clima africano, tempo he d'acabar com o terror que desvia d'elle os europeus modernos, sem reflectirem que seus antepassados o buscavão de bom grado, e ahi residião por muitos annos quando elle estava ainda mais inhospito e desabrido. Em outras eras allí se professarão artes e sciencias; e era o territorio africano mui povoado quando a Europa ainda era deserta e muito doentia. E o que foi parte para ella se tornar saudavel e florescente? Forão os esforços da arte; foi o que hoje se nomêa civilisação. Deve-se a ella haver bastantes logares, outr'ora inhabitaveis para os que não erão naturaes, aonde hoje habitão e vivem larga vida os homens de todas as regiões: o mesmo acontecerá com o territorio africano como se adopte o novo commercio que propomos. Desmoitadas as intractaveis florestas; limpos os parrados arvoredos, que impedem a circulação do ar e atrahem e conservão permanente humidade; arroteadas as campinas incultas; estancados os pantanos; e praticados os dictames de boa politica; pouco irá diminuindo a mortandade, e tornar-se-ha o clima saudavel e de bons ares como os melhores que jazem debaixo da zona torrida.

A segunda causa da perda dos marinheiros no trafico da escravatura são as conjurações dos negros tramadas a bordo, nas quaes morre sempre alguma gente da tripulação.

A terceira causa he o contagio das enfermidades de que os escravos são iscados, em cujo numero entrão com particularidade as desinterias que se pegão aos marinheiros obrigados a tractar d'elles. No commercio dos outros

generos nem ha conjurações, nem lavra o contagio e a morte pela marinhagem.

Demais disto, nos navios d'escravatura ha fome, ha sede, ha tudo que damna e estanca as origens da vida. A aguada por mais farta que seja, he sempre diminuta em razão das muitas pessoas por quem se reparte. Os mantimentos na maior abundancia releva economisa-los para que cheguem a todos; e os marinheiros, que participão destes incommodos, teem outro que he cederem o alojamento da coberta, e virem muitas vezes dormindo nos baileos, nas lanchas, e na tolda, mal enroupados, sem agasalho nem cobertura, soffrendo o sol, as chuvas, o frio e todos os rigores do tempo; no que grangeão febre agudissimas que ou lhes arrebatão a vida, ou se lha consentem, he só para lastimarem sua desgraça, e mendigarem de porta em porta o sustento de cada dia.

Aquelles mesmos mantimentos que apezar de mui abundosos he força ratear, são outra causa da mortandade e ruina dos marinheiros neste commercio. As viagens para este effeito são mui demoradas; durão ás vezes mais do anno, contando o prazo que os navios estão ancorados até inteirar a carregação; o que he motivo não só para a mais apertada economia nos mantimentos, senão que estes mesmos, sendo todos salgados, e distribuidos assim na saude como na doença, alterão e vicião os humores, abrem chagas profundas e ulcerosas, gerão o escrebuto, o rheumatismo, e ás vezes enfermidades tão complicadas que se não sabe se he maior o numero dos marinheiros que morrem, se o d'aquelles que ficão enfermos e incuraveis. A estes lá os deixão neste misero estado errantes, nus, famintos, faltos de tudo; lá morrem ao desamparo; e os que escapão á morte já não podem ser prestadios nem a si nem ao Estado.

Os navios que demandarem aquelles mesmos portos para outro commercio não soffrem estas incalamidades, nem estas perdas. Cada viagem, em regra geral, não irá além de nove mezes, contando com a demora em cada porto; a matalotagem por este espaço de tempo pode compor-se de vegetaes de salmoura que se adoção a ficarem similhando os colhidos de fresco; a aguada pode ser far-

tissima; os mantimentos em abundancia, porque nem a qualidade da carga voluma os navios, nem d'ella ha que fazer partilha; e se os marinheiros enfermão em terra, recolhem a bordo, não para adquirirem novas doengas como acontece nos navios d'escravos, mas para gosarem os saudaveis effeitos da atmospherã a que estão acostumados.

O zêlo farizaico dos que protegem este barbaro commercio estriba-se em outra objecção que julgão invencivel. Dizem que estinguindo-se o trafico da escravatura minguão sobre modo as rendas do Estado pela diminuição dos direitos. Este argumento, o mais valente em seu entender, apregoão elles por toda a parte, e o mais he que muitos dos ouvintes achão-lhe força sem o examinarem. Releva mostrarmos qual he sua debilidade, e para o conseguir vejamos como n'este artigo se commercia.

Os navios d'escravatura carregão generos e fazendas da Europa e da Asia que teem mais consummo nos sertões, e pouco ou nenhum dinheiro de contado, porque com generos e fazendas, não já com dinheiro, he que alli se comprão os negros e as outras mercancias. Pagos nas Alfandegas os direitos d'entrada, os carregadores liquidão em moeda o preço destes generos e fazendas que vendem aos negociantes da terra; dilatão-se n'ella o tempo necessario para tomarem os escravos a seu bordo; pagão os respectivos direitos de sahida, e fazem-se de vela para o porto a que se destinão. Estes generos e fazendas que os carregadores despacharão e venderão vão sertão dentro por conta dos compradores a resgate dos negros; apromptando assim a carregação para o anno seguinte. Estes mesmos generos e fazendas pagão direitos de sahida quando são enviados para o sertão.

Commutado o commercio dos negros como genero pelo commercio de todos os outros que deixamos referidos para o substituirem, aonde he que existe a perda dos direitos, e o detrimento das rendas do Estado? Os generos e fazendas sendo a unica moeda com que se negocia nos sertões da Africa hão de importar-se das mesmas qualidades e quantidades seja qual for a negociação que ahi se faça; e hade cobrar o Estado os mesmos direitos

d'entrada e sahida regulados pela tarifa ou pauta que existir. Isto posto, he indifferente para o Estado a natureza das mercadorias que se negocião. Acabado pois o commercio dos escravos, que he huma das producções da Africa, lá estão as outras mencionadas para ressarcirem o Estado sem a minima quebra nos direitos.

Mas ainda se pode allegar a deminuição d'elles que hade acontecer em minguando o trabalho dos escravos. Parece-nos que esta assersão não tem fundamento, e ninguem de juizo maduro receiará falha nos rendimentos do Estado quando outro commercio ali estiver em actividade. O caso he examinar como ficarão as cousas depois do trafico abolido até que se possa tomar nova direcção.

Vejamós agora mais algumas utilidades moraes e politicas. Primeiramente cumpre notar que todas as terras que Portugal possui na Africa occidental e oriental correm ao longo da costa mui pouco estiradas pelo sertão dentro. Na occidental áquem do equador havemos na costa de Guiné, propriamente dicta, as ilhas de Cabo Verde, e na terra firme os presidios de Bissáu e Cacheu, mas nos dominios do regulo Papel. Pegadas quasi ao equador dominâmos as duas ilhas de S. Thomé e Príncipe. Na Guiné inferior, ou meridional, temos Angola na embucadura do Zaire, Novo Redondo, e Benguella bebendo no oceano; e no sertão os sitios de Melembo, Bengo, Loango, Cabinda, Ponguandongo e Engage, que são rigorosos presidios mui acanhados, e em terras que rigorosamente não nos pertencem.

Na Africa oriental desde a bahia de Lourenço Marques, que tambem tem o nome de bahia da Alagoa, onde principiámos a ser donos até Fungue, onde deixámos de o ser, todas as povoações estão fundadas á beira mar: a Cidade de Moçambique he em uma curta e estreitissima ilha mui pouco povoada; e na terra firme ao cabo de seis leguas pelo sertão dentro entestamos com terras de differentes regulos, que enfião umas com outras até fugirem ao nosso conhecimento.

As cento e oitenta leguas que decorrem de Quilimane até Manique, que communica com a Abutua no territorio de Chingamira pelo interior do sertão, he terreno

mui desigual que em parte alarga até aos dominios do régulo Quiteve junto de Sofála, acompanhando a corrente do rio Loabo, e por outra parte se estira a chegar a rios de Senna, Tete e Zumbo, seguindo o curso do rio Zamboze até á Cabra-Bassa, e na pernada que lança para as terras de Chicova, que vão misturar-se com o immenso territorio do primitivo imperio do Monomotapa, e encorporar-se nas montanhas de Lopata.

Todo este immenso territorio está povoado de cafres que desdizem em tudo; na côr, nas feições, nas praticas, no idioma, no genio e no tracto. D'elles ha conversaveis, e que se familiarizão; e d'elles tão rudes e desabridos que custa muito a domestica-los. Dado isto vejamos a sorte de nossos dominios africanos depois d'abolido o trafico da escravatura.

Os especuladores seguirão o novo estilo de mercancia com os negros em cada huma d'aquellas paragens seguindo a indole e costumes d'elles, convidando-os a concorrerem com os outros diversos generos e artigos para se negociarem em vez da escravatura. He sem duvida que ao commercio deve muito a policia das Nações, porque volteando o mundo, leva a todas ellas differentes usos e costumes, trocando não só as mercadorias, senão as idéas, as artes e as sciencias. Por este meio com o andar do tempo hão de extender-se pela Africa estes mesmos beneficios; hade illustrar-se o entendimento dos negros; o interesse os fará expeditos e industriosos; e hão de entrar em competencia uns com outros á vista da grande copia das importações e prompto consummo não só dos objectos já conhecidos, mas de outros cujo valor ainda se ignora, e que poderão ser mui lucrosos aos especuladores e ao Estado.

Como assim seja, veremos as colonias portuguezas surgir do abismo em que jazem sepultadas; veremos florescer o commercio, medrar a agricultura; e aquella porção do genero humano, contada até hoje no numero dos animaes domesticos, occupará na sociedade civil o logar que lhe toca por pertencer a este genero. Tanto os individuos como o Estado saberão a utilidade e grandeza dos thesouros africanos; mas nem esta utilidade nem

estes thesouros podem realizar-se sem se adoptar alli o sistema d'humanidade e população que havemos proposto; e para este sistema se estabelecer releva acabar *totalmente com a escravidão dentro dos nossos domínios e com o commercio da escravatura para fóra d'elles.* (*)

Consideremos agora os proprietarios, e os escravos crioulos. Estes multiplicados grandemente, prezos a seus senhores por gratidão e conveniencia, com patria, mulheres, filhos, e tal ou qual patrimonio, robustos, fartos, bem vestidos, tractados humanamente: os outros convertidos em paes e protectores d'aquelles mesmos de que forão algozes e tirannos. Observemos estes mesmos escravos olhando-os como seus bemfeitores, sem os atemorisar a sua presença, servindo-os de bom grado, sem se forrarem ao trabalho, e melhorando ao mesmo tempo a sua sorte individual. Então veremos cabir as cadêas do despotismo e tirannia dos senhores, e reinar inteira confiança entre elles e os escravos; e aquelles logares, que forão até agora theatro de ferocidades e vexações, hão de transformar-se em morada de paz, ventura e alegria. Não haja medo que se rebellem os negros do sertão quando policiados, uma vez que os crioulos estejam appercebidos e armados contra elles; nem que os crioulos se levantem contra os senhores que, segundo o sistema proposto, olhão já como paes, e não como tirannos: e ao Governo compete, assim pelo uso da força bem applicada, como em virtude d'administração conveniente, dirigir o regimen das colonias a proposito de se conservarem pacificas e obedientes.

Tudo concorre a favor do nosso parecer. Os povos africanos hão de lançar mão do novo commercio, e cultiva-lo de melhor vontade que o da escravatura; os negociantes, comprando as mercadorias mais baratas, costeando os navios com menos despeza, mareados com mais

(*) Idéia nova e huminoza que o A. tencionava desenvolver com raciocínios e exemplos praticos, o que se collige de apontamentos interessantes que se encontráráo unidos ao presente manuscrito. (Nota do Editor.)

segurança, e viagem mais curta, forçosamente hão de antepor este novo commercio ao antigo dos negros em que se fundião.

Além d'isto, ultimado aquelle trafico ficão dentro do territorio africano as grandes levas de negros que se ião resgatar pelo interior do sertão, ou vinhão aos differentes mercados, aonde se enfeiravão tanto para sahirem annoalmente em direitura ás colonias estrangeiras, como para ficarem escravos dentro das nossas mesmas terras. Conservada assim a população, resulta sem duvida maior numero de consumidores aos generos, e artigos que para ali se enviarem.

Esta troca de commercio traz consigo mais aturada pratica e nitimidade d'interesses entre os europeus e os povos africanos; o que hade necessariamente influir em seus usos e costumes. As necessidades caprichosas hão de ir nascendo á proporção que forem sahindo da aspereza da vida silvatica para a suavidade da vida social; e esta circumstancia he huma nova origem de consumo para os artigos e manufacturas da Europa.

De todas as Nações que mercanciavão em escravos foi a portugueza que menos perdeu com o termo d'este commercio. Os francezes, e os inglezes perdêrão muito mais. Uns e outros teem fabricas dos pannos e fazendas que alli são o prego dos retornos, e que nós, por não as havermos, compramos para revender, ficando só com os lucros da venda sem tirarmos o do fabrico. Assim mesmo Inglaterra que tem a mão d'obra não recebeu a quebra que a abolição deste commercio causaria ás suas fabricas de Manchester e de Birmingham, porque vio que os mesmos tecidos, as mesmas drogas, tanto erão prego dos escravos como de todos os outros generos em que pelo sertão dentro se fizesse commercio. Seguindo Clarkson, havia nestas duas cidades certas cazas de commercio que exclusivamente negociavão em negros, e exportavão para este fim uma grande parte das manufacturas que ali se trabalhavão. Acabou o commercio dos negros: os que vivião d'elle, derão-se logo ao dos outros artigos; os fabricantes continuárão a manufacturar, e as manufacturas

a haver a mesma sahida. A França seguiu o mesmo estylo ainda que com menor exportação.

Todavia para engrandecer as nossas provincias ultramarinas não basta o que havemos referido; e devem adoptar-se as regras seguintes. Admittir livremente nestas provincias todos os estrangeiros que trouxerem consigo meios de industria, hospedando-os bem, e moderando-lhes os encargos por certo prazo. Attrahir a ellas todos os portuguezes emprehendedores com maior modificação naquelles mesmos encargos, dando-lhes terras, materiaes e utensilios de lavoura se agricultores, e das artes fabrís aos que forem a ellas inclinados; concedendo izenções temporarias aos que forem especuladores de novas empresas. Deste modo portuguezes e não portuguezes irão alli domiciliar-se; hade crescer a população, amaciarse a ferocidade daquelles povos; hão de illustrar-se, instruir-se, convencer-se dos dogmas da Religião Christã, e da moral evangelica, tornando-se religiosos por convicção, não já, como elles costumão, misturando as verdades do Christianismo com os erros da idolatria.



He opinião nossa que Portugal lucraria muito se um dia se realizasse a existencia de uma companhia commercial, livre e temporaria, com a séde em Lisboa, ou no Porto, ramificada em outras como partes integrantes com assento na Cidade capital de cada uma das colonias, trabalhando sobre os artigos mais uteis e lucrosos de cada hum dos logares em que residirem; combinadas as operações e os interesses em proveito commum; correndo por conta desta companhia a cobrança e applicação de todas as rendas publicas, o exame, a exploração das terras e seus variados productos; em uma palavra, empregando capitães que o Governo não deve applicar a especulações mercantis, porque aos bons Governos não compete mercadejar, senão animar o commercio, e fiscalizar os direitos que d'elle lhes resultão.

Perguntarão os adversarios deste plano que vantagens em tal caso podem vir á Nação? que cabedal lhe fica como a companhia o empregue no grangeo das colonias? Respondemos com outra pergunta: que proveito dão ellas á Nação actualmente? Quando muito a manutenção da tropa e das embarcações de guerra que vão estanciar-se naquelles máres, a construcção d'humas outras feitas de novo, e o concerto das que por lá se avarião; mas todas estas vantagens ficão existindo. A companhia deve ser obrigada a todas estas obras e despezas. Por ventura tem vindo ao thesouro publico grandes sobras dos rendimentos das colonias africanas? Lá se arrecadão, lá se despendem, lá se embebem, lá se ajustão as contas, e o remanescente (necessario he que assim seja) fica de reserva para no anno seguinte se fazerem as despezas correntes, que são certas e promptas, e a cobrança das rendas variada e tardia. Ora a companhia, fazendo todo o custo das colonias, dá ao Reino os mesmos lucros que até agora dellas recebia. Cultivando-as por sua conta e por todos os modos que lhe fôr vantajoso, findo o prazo da sua duração, o Governo entrará na administração dellas melhoradas e engrandecidas, e naquelle grau-de consideração e felicidade a que podem e devem chegar, e que não he dado ao Governo conseguir em quanto não adoptar este, ou outro semelhante sistema.

Esta companhia sem nenhum privilegio, sendo livre a concorrência com ella em todos os objectos de commercio, considerada como qualquer negociante particular, pagando todos os impostos, direitos, e alcavalas, e fiscalizada sua receita e despeza publica pelos exactores da Fazenda Nacional, não sabemos que damno possa trazer á Metropole. Nenhum. Antes recebe o proveito desses direitos que a companhia hade pagar de todas as mercadorias que importar e exportar, de toda a cabotagem que fizer, pagando cumulativamente em grande o que os outros negociantes pagão individualmente pelo miúdo. E em que consistem nas provincias do ultramar as rendas do Estado? Nos direitos das Alfandegas, os quaes hão de crescer gradualmente quanto mais se multiplicarem as especulações e as empresas; e nos disimos,

que ora pouco ou nada montão pela mingua da agricultura, e que hão d'avultar sobremaneira quando se adiantar, segundo a natureza e excellencia dos terrenos. Ainda que ao principio o rendimento do Estado seja tão curto como até agora, de força antes de findar a existencia da companhia hão de lustrar muito as rendas no cabo d'alguns annos.

A fiscalisação dos direitos he a primeira causa para que deve olhar o Ministro a cuja conta está a fazenda publica, e por isso deve ser fiscalisada a administração desta companhia, não pelo que respeita ao meneio interno, interesses e direcção peculiar, mas pelo que toca aos descaminhos que possa haver. Por isso cumpre nomear para cobrança dos direitos, e fiscalisação d'elles pessoas de boa consciencia e de mãos limpas (que nisto vai muito a dizer) não d'habilidade para os levantar, nem de condição esquiua para os cobrar com violencia; que saibão dar tal satisfação de si que nem a companhia, nem o Governo hajão motivo de se queixar.

E que interesses podem vir a uma companhia sem auxilios privativos do Governo, empatando capitães, semeando para colhêr tardiamente! Que interesses lhe podem vir? Muitos. Os privilegios e os auxilios tem ella em si mesma por sua importancia e força pecuniaria. Que negociante, ou que sociedade particular ha ahí que possa e queira aventurar-se ás vicissitudes e contingencias de iguaes emprezas para andarem em competencia com uma companhia opulenta assim ramificada, e que pode empatar por algum tempo grossos capitães? Sem esta competencia eis a companhia só em campo fazendo um commercio privado não por effeito de privilegios, mas pela sua propria constituição. — Neste caso todos os especuladores subalternos em cabelal e industria serão outros tantos agentes e auxiliadores da companhia, redundando os lucros proporcionalmente em proveito commum. Estes especuladores subalternos acharão sahida prompta a seus artigos de commercio, emprego a seus navios, e consumo a todos os ramos de sua industria. Estes especuladores, sejam nativos do Reino, ou das proprias colonias ou estrangeiros, he bem de crêr que tomem acções nesta

companhia, que não deve excluir ninguém que queira entrar n'ella. Deste modo elles e a companhia vem a trabalhar em commum, chegando as vantagens a todos: as colonias florecem; o Estado enriquece, e a companhia prospera sem precisar d'izenções, nem de privilegios.

Por muitos seculos não conheceo a Europa outro estilo de commerciar senão as companhias privilegiadas, mormente nas colonias, o que sempre causou a sua ruina, e a das Metropoles. A historia das colonias, segundo a lição do Bispo de Malines, refere cincoenta e oito companhias exclusivas desbaratadas todas com gravissimo detrimento das Metropoles. Portugal seguiu melhor conselho que todas as outras Nações, não se enfeitigando com as vantagens das companhias exclusivas tão exaltadas pelas outras Nações que as adoptarão; e se gradualmente perdeu as colonias que tinha, não foi por carecer de semelhantes companhias, senão pelos conflictos em que andou o Reino debaixo do dominio dos tres Filippes, e por falta de luzes e de população.

Lêo-se os antigos annaes da Asia e da Africa portugueza; vêr-se-hão por toda a costa de Guiné, da Ethiopia, da Cafraria, do Malabar, e parte da do Coromandel os portuguezes descobrindo mares e terras, conquistando Reinos, avassalando Monarchas, e ao mesmo passo, nas paragens que lhes convinha, assentando feitorias de commercio e alçando fortalezas para o defender. O commercio era livre em todas as feitorias como os negociantes fossem portuguezes; e as fortalezas que o defendião senhoriavão as entradas de todos os portos. O estado recolhia os direitos e tributos que lhe tocavão; os lucros estendião-se a quantos vivião do commercio segundo a industria de cada um, e o estilo com que tentava fortuna. O commercio ia em tamanho crescimento que Portugal estava massisso de riquezas pela grande copia de mercadorias de toda a sorte que do Reino sahião pela barra annualmente, á conta dos muitos e preciosos retornos que de lá vinhão.

Nos tempos modernos, mormente no ministerio do Marquez de Pombal, sem contradicção o maior de nossos homens d'Estado, he que se derramou em Portugal

o contágio das companhias exclusivas. Então espalharão-se por todos nossos domínios ultramarinos, experimentando-se a final os mesmos desastres que lhes são inherentes, e havião acontecido a todas as demais nações que caminharão com este errado sistema: Hê bem outra a companhia que propomos. Inteiramente livre, cifra-se n'um aggregado de conhecimentos, industria e capitães desenvolvidos em beneficio publico e particular, e que lhe substitue quaesquer requesitos, e todos os privilegios:

Esta companhia empregará um grande numero d'esses escravos que annualmente se exportavão: A agricultura, a mineração, a navegação, e todos os mais ramos de industria que a companhia crear e promover, correrão pelas mãos destes escravos; desta forma se irão adestrando e policiando; e será este o anel da cadeia que ligue esta desgraçada gente de diversa cor aos que, por um accidente do acaso que lhes deo outra, até agora os senhoriarão; e os oprimirão. Dirão agora nossos adversarios que a extincção do commercio da escravatura, a civilisação dos povos africanos, a liberdade do commercio sem limites, a franqueza dos portos aos especuladores, e sobre isto a companhia que propomos e que abraça todos estes requisitos, são meios infalliveis de emancipar as colonias e perde-las para sempre; ao que respondemos que a emancipação das colonias he inseparavel da sua natureza. As que possuímos na Asia e na Africa, á excepção das ilhas adjacentes ao Reino, começaram por conquista, e o mesmo nos aconteceu com o Brasil. Toda a conquista envolve maior, ou menor captividade; os vencidos cedem tudo aos vencedores senão o amor da independencia, e a firme tenção de a recuperarem como se lhes offereça para isso oportunidade. Eis aqui a origem da emancipação das colonias, não já todas as outras causas a que a ignorancia, a parcialidade, o interesse, e a falsa politica a attribuem: Que tem resultado do sistema de monopolisar as colonias? Azedarem-se os animos cada vez mais, e radicarem-se mais profundamente no coração de seus habitantes os desejos e o amor da independencia.

Demais disto, quem acelerou a emancipação das co-

lonias serão as próprias nações que as possuem; ao principio traitando-as com barbaridade e ambição desmedida; depois não pondo limites aos meios que lhes derão para se remirem do captiveiro. A Constituição politica das franquezas em 1792, e a dos hespanhoes em 1812, e as nossas desde 1822 até á actual encerrão o principio elementar da emancipação das colonias. A do anno de 1792 roubou á França a ilha de S. Domingos por dar assento na Assembléa Constituinte nos deputados della; Hespanhá perdeu suas colonias da America por causa do direito de representação concedido áquelles povos pela Constituição de 1812; e nós pela de 1822 e pela mesma causa ficámos privados das do Brazil, e com a porta aberta para as outras que o quizerem imitar.

Mui longe de combatermos o fundamento politico e constitucional em que assenta este artigo das citadas Constituições, vamos com elle sem mais exame e com religiosa observancia e resignação; por se achar consagrado no nossoCodigo Constitucional, e só fazemos menção d'elle para mostrarmos que para as colonias pôde haver perigo nos principios politicos, e que o não ha em se lhes concederem todas as franquezas e meios d'engrandecimento e prosperidade que havemos appontado.

Abolido pois o commercio da escravatura, substituido por outro mais lucrativo, mais nobre e mais digno do homem; trocado o fígór pela docilidade, a fome pela fartura, a penuria pela abundancia, os trabalhos forçados pelas tarefas voluntarias; os escravos criados com patria, mulheres, filhos, e algum patrimonio, com regimento e leis especiaes que os protejão; rematando todas estas vantagens com uma companhia livre qual a que appontamos; será o meio unico de retardar a emancipação das colonias, e até de lhes fazer preferir o estado actual ao de emancipação. As boas leis, o bom regimen he que gurdão as colonias.

Alvista do que havemos referido e discursado haverá por ventura quem ainda se opponha de boa fé a que termine o commercio da escravatura; que não confesse que he hum bem; e que a existencia d'elle era o prin-

principal obstaculo ao augmento e prosperidade de nossas provincias africanas? Todas as nações concordão já a este respeito; nenhuma ha hoje que conserve este trafico; entenderão todas que acabar com elle era hum bem para as colonias, e para as Metropoles: he então ocioso indagar se principios de humanidade, ou quaesquer outros, forão parte para este procedimento. Houve hum tractado geral a que assentirão todas as nações. Dinamarca, França, Hespanha, Portugal, que possuião colonias, convierão tão briosa e despegadamente como as que não possuião nenhuma: he bem de creer que não fosse cobardia, nem econdescendencia, mas effeito d'intima convicção. Acabar com o commercio da escravatura não he já questão he dogma de todas as nações europeas.

Não se agastem os que se ceavão neste deshumano trafico, que ahi teem para mercadejarem todas as mercancias artificiaes e naturaes que nutrem o commercio sem ultrajar a humanidade. Não venhão a elle pouco voluntarios, venhão de boamente, que ao designio responderá o successo. Estão demonstrados os proveitos, sustentados os argumentos, refutadas as rasões em contrario, destruidas as contradicções; por tanto não percão animo nem os que especulão, nem os que governão. Se ficármos com o trabalho perdido não nos peza de o tomarmos a peito. Se nos guerrearem com as armas que jogamos responderemos com outras iguaes de que estamos prevenidos e sobrados. Se o Governo, que he o primeiro procurador das colonias, continuar a desampara-las, estando estudados todos os pontos por todas as nações policiadas, não ficaremos quebrantados d'animo com esta contrariedade; antes carregando a mão, apertaremos com mais valentia como se houveramos forças de gigante. Ou havemos abandonar nossas provincias ultramarinas ou conserva-las, e engrandece-las; abandona-las fora rematada loucura; conserva-las, e enriquece-las he rigorosa obrigação que não perdoa o mais leve descuido. Quando dependesse de nós não houvera de ficar accção que não ousáramos, nem pedra que não boláramos para alcançar este fim. Em algum tempo hade começar esta obra:

que tempo mais accommodado, que occasião mais opportuna que a presente, em que findou o commercio da escravatura, e com elle hade necessariamente por falta de braços africanos decahir consideravelmente a agricultura brasileira: e nós podemos, porque temos d'aquelles braços em abundancia, e terreno senão milhor igual ao do Brazil para produzir algodão, caffè, assucar, cacáu e arroz supprir Portugal e vender a Europa aquelles mesmos generos de lavra de nossa casa.

Rogamos pois ao Governo que não esmoreça. De cahidas e desmaiadas que estão as nossas colonias, dentro em breves annos as verá florescentes e vigorosas. Não tema que aos cuidados do Reino succedão outros não menos peizados na administração das provincias ultramarinas, como corraõ a paz, o trabalho, a vontade, a constancia e a sabedoria.

Mas dêmos de barato que se topem as difficuldades menos franqueadas do que supomos; e não respondão logo os bons effeitos tanto ao pé da letra como cuidamos; comtudo não deve o Governo desanimar. Se o Lavrador não houver de semear senão em terreno limpo de todos os cardos e abrolhos, nunca chegará a colher novidade.

Recorde-se o Governo (se por ventura pôde isto esquecer) que a fama adquirida nas terras que descobrimos e conquistámos em ambos os hemisferios deveo-se ao animo, ao valor e á constancia dos conquistadores, que, sem grande copia de gente, desprezando perigos e obstaculos, accommettião, matávão, derrotávão e vencião. Essas mesmas terras, que ora jazem abandonadas e quasi perdidas, forão o theatro da heróicidade portugueza. Lá se ião colhêr as cordas de gloria, enramadas com as palmas do triumpho; e corrião a adornar-se com ellas fidalgos e plebeos, até embarcados furtivamente; e d'elles houve que abastados dos bens da fortuna, não se contentando de servir sómente com suas pessoas, levávão á sua custa soldadesca, munições e petrechos de guerra, e não forão poucos os que isto fizeram.

Com quanto os tempos estejão tão mudados em praticas e costumes, não se mudaráo todavia os brios, o va-

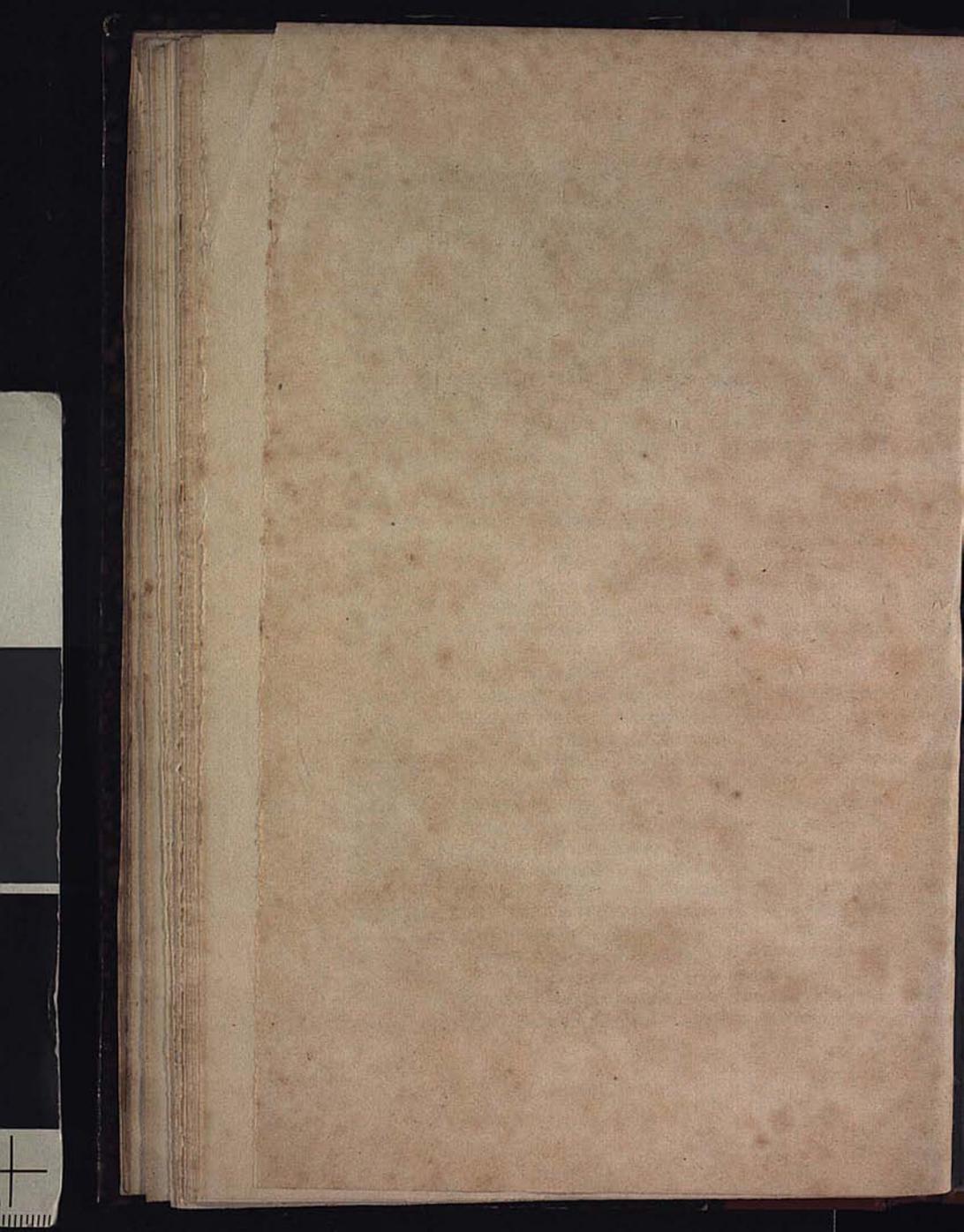
lor e a constancia dos Portuguezes. A este respeito são ainda o que sempre forão. N'aquellas epochas do heroísmo portuguez todas as cousas da Africa e da Asia andá-vão no juizo das armas, e á custa de grandes feitos resplandecia a gloria das conquistas. No tempo d'agora seja o empenho alevanta-las do abatimento em que cahirão, doutrina-las, enriquece-las, e faze-las proveitosas. Os Portuguezes modernos não são menos affeioados á sua patria que os antigos; como elles sabem arrostar e não temer os perigos; fação com a sabedoria das leis o que fizerão os seus maiores com a valentia das armas para mostrarem a todas as nações que vive ainda no coração dos Portuguezes aquelle fogo de verdadeiro patriotismo que até agora não tem desmentido.

FIM.

for e a descoberta dos Portuguezes. A esta respeito são
ainda o que sempre torço. N' aquellas epochas de herois-
mo portuguez torço as cousas da África e da Asia agra-
vão no lado das armas e a curia de grandes feitos res-
plandecem a gloria das conquistas. No tempo d' agora se-
ja o empenho levantado do adiantamento em que camin-
ham, doutrinas, emprehendas, e tarefas proveitosas.
Os Portuguezes nobres não são menos intelligentes e não
patria que os antigos; como elles sabem invocar e não
temer os perigos; sação com a sabedoria das leis o que
fizero os seus maiores; com a fidelidade das armas para mo-
tarem a todos os peccos que vive ainda no coração dos
Portuguezes indelle fôr de verdadeiro patriotismo, que
se agora não tem bastantido.

...

...





Орца

1





QPCA

1

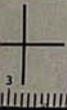


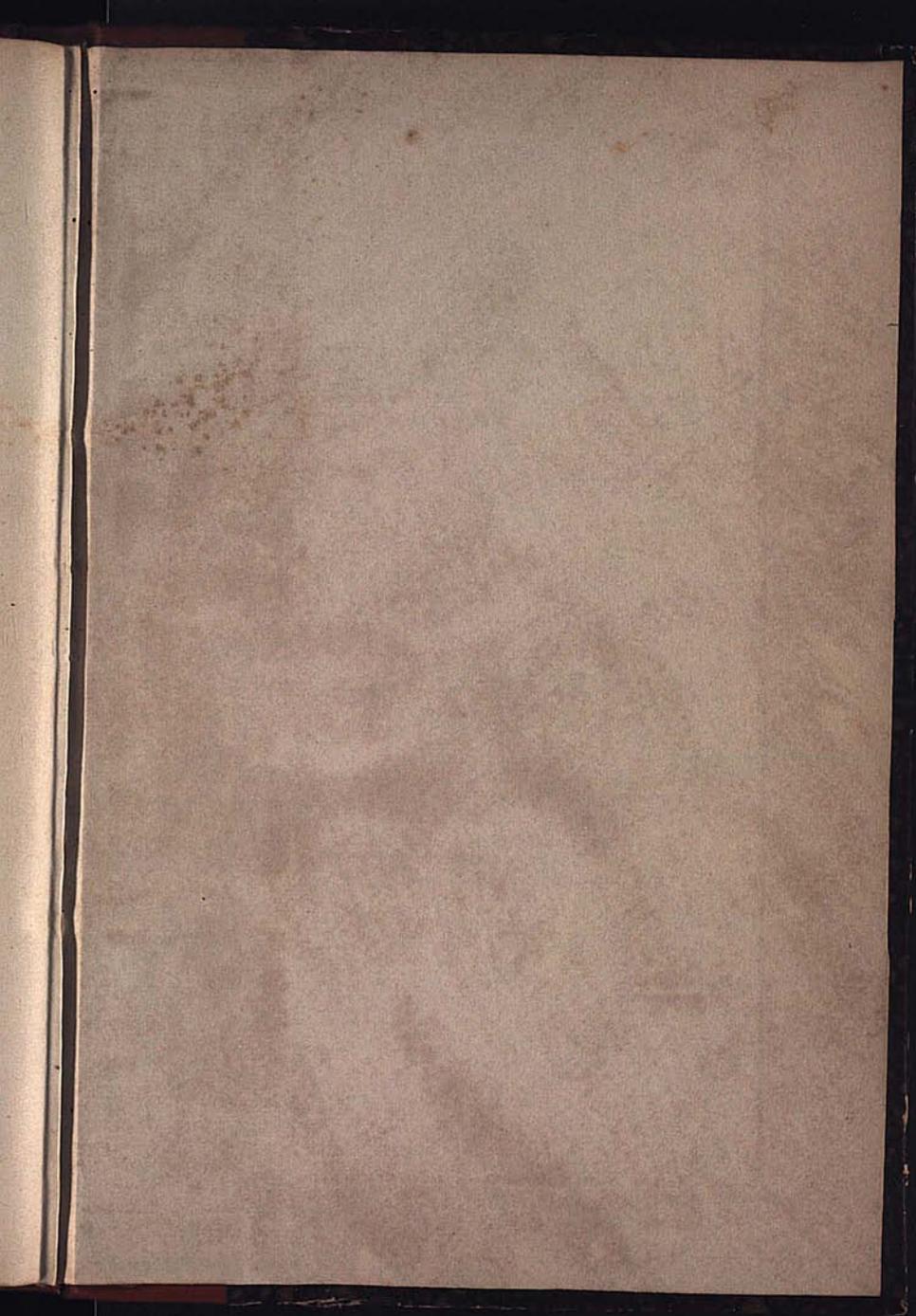


QPCA

1







Qpc



d

d



Op